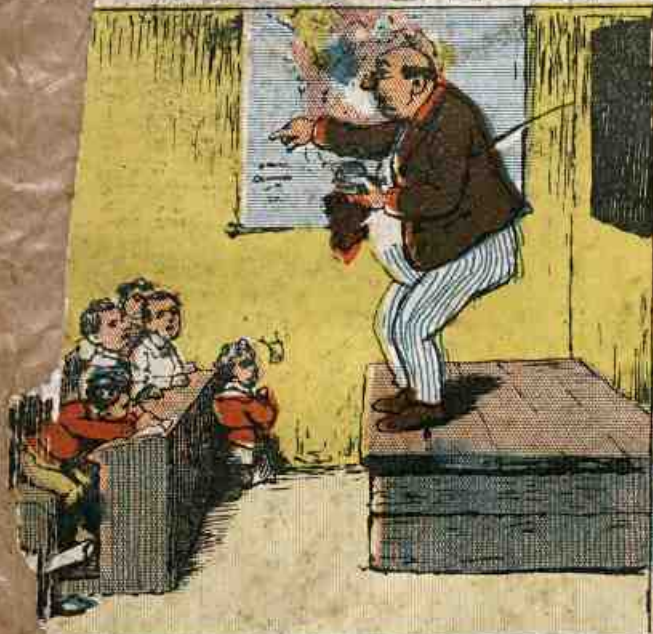


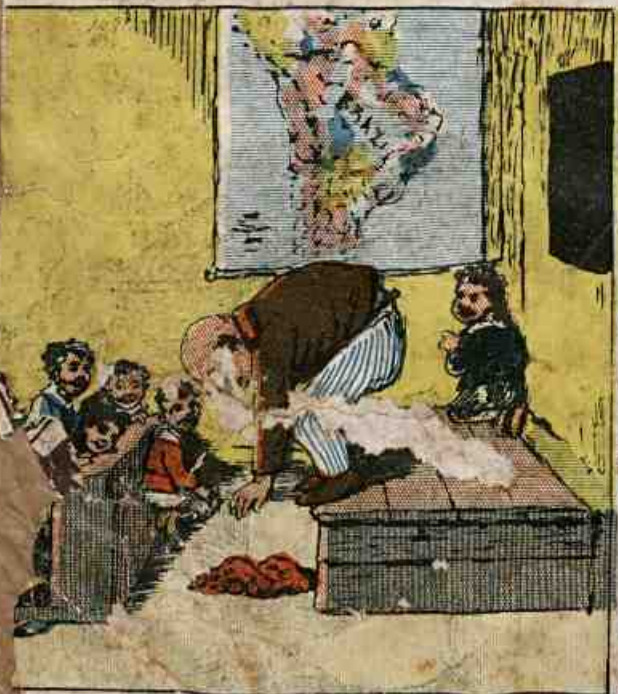


FREI THOMAZ



Professor — Meninos! Quando tiverdes de fazer alguma coisa, fazei-a sempre com a maxima attenção,astre.

... sem ella sempre vos pôde acontecer algum des-



portanto... Deixa-me apanhar o lenço!

Discipulos — Bem prega Frei Thomaz! Faze o que elle diz, mas não caias como elle cae...



— E dáma-se com um barulho destes! Está este cachorro aqui a ladrar à lua há mais de uma hora, mesmo junto à minha janella.
Mas deixa estar que eu já te ensino!



E em Fagundes foi buscar um jarro de agua. A D. Ephigenia, que morava no andar de cima não podia igualmente dormir com um barulho destes, também chegara à janella...



E far... teve a mesma idea.
Enquanto sen... Fagundes atirava a agua no cachorro, que disparou gritando:
— Au! Au! Au!



A J. Volpentina, aliás... Fagundes, que as mabraqe... tando:
— AILAU AIL

EX: DIENTE

A empresa d'ON publicará ás quartas-feiras
O Tio-Tico, jornal
nello escriptores e d'ido para crianças, collaborando
Condições de ass. listas de nomeada.
natureza:

INTENSION: 1 anno.		10\$000	6 mezes...	6\$000
EXTENSION: 1 anno.		20\$000	6 mezes...	12\$000

Numero avulso 200 réis. Numero atrasado 500 réis.

Toda a correspondência, pedidos de assignatura, etc., devem ser dirigidos ao escriptorio e redacção d'O Malho, rua do Ouvidor n. 132, Rio de Janeiro.

TICO-TICO

Todos amam as crianças; não ha poeta que não celebre a sua innocencia e a sua belleza ... Entretanto, caso singular! nada se faz em favor dellas, para divertil-as, para distrahir e occupar a sua existencia. Não organizamos festas allegres, em que ellas possam folgar e rir em liberdade; e não temos uma litteratura especial, simples, ingenua, ao alcance da sua intelligencia. Ao contrario disso, as festas em que as crianças figuram são destinadas a divertir... e a formarmos, marchando ao sol em batalhões, obrigadas, uma disciplina e a uma tenue que as fadiga e aborrece, ao representando comedia e dizendo monologos que não comprehendem, ellas vão a essas festas como a um sacrificio e a um castigo.

Essa jornalozinha para empregar uma *chupa* inevitável, vem preencher uma lacuna. É um jornal que se destina exclusivamente ao uso, e leitura, ao prazer, à distração das crianças. Queremos a atenção nem o applauso da gente grande, os pequeninos, os innocentes, os simples formata do nosso publico. É para elles que escrevemos — estaremos agradecidos, teremos obtido o nosso triumpho que ambicionamos.

Contos, poesias, problemas, concursos, contribuições, nas páginas do *Tico-Tico*, para, ao mesmo tempo, instruir e divertir as crianças; e, de hoje em diante, ellas poderão dizer, com orgulho: «Os marmanjos têm os seus jornais»; pois nós também temos o *nosso jornal*, que é *fleto para nós, exclusivamente para nós*!

É não somente os pequeninos, nós não de agradecer! Todos os mais, todos os que verdadeiramente amam as crianças, não de compreender que a nossa tentativa é digna de apoio.

A LICÃO DE VOVÔ

—Voto! Desde
que voc' chegou
que me promet-
eu pillar um
quadradinho de
um. Quero ver
seo capote você
faz isso.

Dem: 6 mo-
mento. Preste
atenção e fique
antecipado. Vou
falar com pai,
e... a... curila,
contando espe-
rando o fim.

— Aquil. orla. a
c. 10. 10. 10. 10. 10.
10. 10. 10. 10. 10.

Oh, pinto
boy, parce nos-
mo a gente.

— Veni agora:
Ser pai vivo e
Laurita. Que tal?

Não não está
boa. A cá fez os
frescos de mesmo
tamanho.

E' o malhe
 pu' de lousanhei
 m' homem. om
 a tinda e mon
 el terra.

Old 2 mi !

São do mesmo tamanho.

— Engano seu.
— Pois você vai

ver: eu recorto
as três figuras
para lhe mostrar
se não são da
mesma altura.

— Bom: enquanto você se recorta, eu acabo de desenhar a estação.

—Veja! Veja!... São ou não são do mesmo tamanho?

— Não; não é aqui que eu as quero ver; é na plataforma da estação; colloque-as ali.

—Então, me dá o desenho... Ih! A Laurita está enorme! muito mais alta do que eu e do que papai!!!

— H' o an e m'y,
essa ! Ahnda a go-
ra, voce dizia **que**
era do me-mo
lamanho : agora
ella e mais alta,

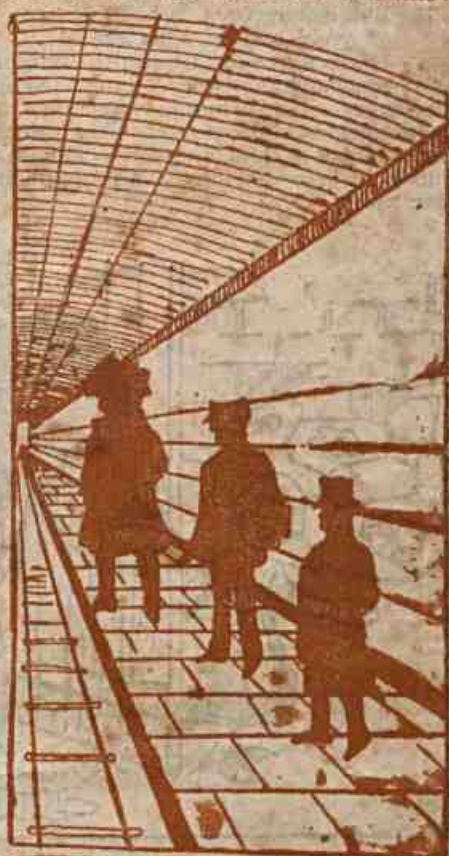
—Pois veja!

—Sim ; dê-me
cá... E agora ?...

—Ah! É verdade: papai está maior do que eu, e eu estou maior do que a Laurita. Como foi isto? Por que é assim?

—E porque seu pai está collocado mais longe, e quando nós vemos os objectos ou as pessoas mais longe ellas parecem menor. Por isto, si nós pintamos diversas pessoas no mesmo quadro, aquellas que estão mais para o fundo, aquellas que queremo mostrar mais longe, devem ser de tamanho menor. Seu pai, que está mais longe, foi desenhado com a mesma altura que você e a Laurito, no entanto apparece maior — com a sua estatura regular de homem. E' a isto que os pintores chamam a perspectiva do quadro.

E. Bomfim



Quem muito quer tudo perde

— Parece que bateram, disse o carvoeiro.

— Foi o vento respondeu a mulher. Effectivamente a velha e miseravel cabana, levantada junto ás primeiras arvores da floresta, parecia gemer e tremia abalada pelo vendaval que levantava, em torvelinas, folhas secas, estalava grossos ramos, arrancava velhas arvores, deixando-as tombadas, com as raizes expostas.

Os filhos do carvoeiro, tres rapazitos e uma menina, que era a mais nova, de 7 annos, cercavam o bom homem, tremulos e pallidos de medo, persignando-se sempre que um relampago allumiava a cabana.

A chuva jorrava com fragor e na floresta augmentava o barulho das arvores.

De novo o carvoeiro disse:

— Parece que bateram. Talvez algum viajante que a tempestade apanhou era caminho. Nenhum dos pequenos atreveu-se a ir a porta que rangia nos gozcos fragais, sacudida pelo vento, cada vez mais forte; a pequenita, porém, encheu-se de coragem, decidiu-se a ver si havia alguém. Justamente chegava a porta quando bateram e imploraram:



— Pelo amor de Deus, dai-me agasalho por um momento.

Sem hesitar, a pequenita correu o ferrolho e, com uma ludada violenta, ao clarão de um relampago, um velho arrojou-se ao interior humilde.

Era alto, magro; estava coberto de andrajos. No lugar em que se deteve, ainda atordoado, ficou uma poça d'agua, tão encharcado estava.

Dos cabellos, das barbas brancas que se lhe empastavam no peito escorria agua.

O carvoeiro levantou-se para recebê-lo e o velho, depois de abençoar a pequenita, achegou-se ao lume trilhando, a falar da devastação que a tempestade ia fazendo por aquellas terras alagadas.

Deram-lhe do que havia no armario: pão, queijo e fructas e o peregrino, confortado, tomando ao collo a pequenita, poz-se a afagala carinhosamente.

Lá fora a tormenta continuava a rugir.

— Habitais um sitio muito arredado e triste, disse o velho ao carvoeiro.

— É verdade, bem triste. Da floresta tiro a lenha que vendo e a caça de quem entro. O lugar é melancolico, mas nunca nos faltou o necessario, porque o meu trabalho o sabe tirar das arvores e das tocas.

Depois do um silencio em que pareceu meditar, o velho disse, alisando maciamente os cabellos da pequenita:

— Entretanto a fortuna está bem perto daqui. A alguns passos desta cabana, na caverna da floresta, ha um thesouro desde os tempos do rei Salomão. Quem lá fór o tirar, de cada vez, quanto poisa confuzir sem fadiga, tornará a casa tranquillamente; aquelle, porém, que se exceder na carga terá, no proprio sitio, o castigo da ambição.

— O que dizeis é a verdade, perguntou o carvoeiro alvoroçado.

— So a verdade vos digo, affirmou o velho.

Os pequenitos ouviram e logo, entre si, resolveram,

na manhã seguinte, visitar a floresta e procurar o thesouro anunciado.

Cabindo a noite, amainando a tormenta, a velha, apesar das instancias do carvoeiro, e a mulher, tomando o cuidado, partiram, depois de abençoar a pequenita e de haver agradecido a hospedagem.

Na cabana ninguém dormiu, nos primeiros alcores da madrugada, sahiram todos: o carvoeiro, a mulher e os tres rapazitos.

A pequenita ficou, para fazer o lume e preparar a refeição.

Embreitou-se a familia. Cada qual levava um sacco, contando regressar com abundancia de ouro.

Chegarão a caverna, que ficava em sitio temeroso, e, vagarosamente, penetraram.



Bem ao fundo viram como um monte de brasas que topejava com o tecto — eram luzentas barras de ouro.

Rojaram-se todos e, esquecido das palavras prudentes do velho, pizeram-se a encher os saccos, sempre achando pouco o que guardavam.

O carvoeiro levantou-se e, com feroz ansiedade, arrastou o seu sacco até o fim da caverna, sem poder erguel-o, tão superior ás suas forças ao peso das barras.

A mulher mal se podia mover para ir apanhar os safados sem conseguir arrastá-los. Quando estavam os pequenos, seguindo o exemplo que lhes davam os pais. Um d'elles, porém, lembrou as palavras do velho, mas o carvoeiro irritou-se:



— Ora! o velho... si tentasse... mas a força... sabestes abatei de cada par... fvar uma miséria... Nada! Torna a fortuna a isso, aproveitemos!

Lentamente, esforçadamente, chegaram ao limiar da caverna e sentiram-se presos à terra.

Os pés afundaram no solo e os dedos, alongando-se, desenvolveram-se em raízes, os corpos mudaram-se em troncos, os braços estenderam-se em ramos, os cabelos fizeram-se em folhagem e, mudados em árvores, alli ficaram bracejando ao vento.

Debalde a pequenita esperou-os com o jantar. Em vez delles chegou a noite.

Na manhã seguinte foi ella à floresta, procurou-os, chamou-os e, guiando-se pelas pegadas que haviam ficado na terra molle, foi ter à caverna e ficou deslambrada deante do cogale de ouro.

Contente apanhou tres barras dos metais luzentes; sentindo, porém, o peso demasiado para as suas forças e lembrando-se das palaxras do velho, desfez-se de uma e, folgadoamente, ia sabindo quando ouviu vozes que diziam escarinhias:

— Por tão pouco não valia a pena teres vindo a tal distancia. Volta ao thesouro que se te offerece e te cuplela-te.

Sem dar ouvidos à seducção a pequenita passou por entre as arvores, regressando à cabana.

No dia seguinte torrou a caverna, apanhou duas outras barras e tranquillamente voltou.

Repetindo a viagem durante mezes, transportou para a cabana todo o ouro da caverna.

Uma tarde, porém, sentada à porta, chorava quando viu vir uma velhinha fatigada, que parava de instante a instante para respirar. Convidou-a a descansar um momento e deu-lhe de que tinha e, enquanto comia, a velha, pediu-lhe a razão das lagrimas que lhe arrasavam os olhos.

Choro os que perdi, meus pais e meus irmãos. Sou rica ha mais ouro nesta cabana do que no erario do rei e eno trocára, de bom gosto, pela antiga pobreza si com ella voltas em os que perdi.

— Enquanto ella chorava a velha astutamente recolhendo as suas lagrimas em um pequenito vaso de crystal. Por fim lhe disse:

— Vamos à caverna; és digna de ser amerceada por Deus. E logo, agill, como si a levassem azas, a velhinha transportou-se da cabana à floresta levando a pequenita.

A' entrada da caverna poz-se a aspergir as arvores com as lagrimas e logo se desfazia o encanto, e um a um,



reappareceram o carvoeiro, a mulher e os rapazitos. Antes, porém, que elles se tirassem do espanto, disse a velha a pequena:

Aqui os tens, leva-os contigo e que lhes fique na memoria este caso: Toda a ambição é prejudicial. O homem não deve tentar o impossível: o que muito quer tudo perde e é com perseverança e trabalho que se consegue a fortuna.

Como um fumo que se dissolve a velha desapareceu e a pequenita, abraçando os pais e os irmãos, reconduziu-os à cabana, onde lhes mostrou a riqueza accumulada com paciência e sem fadiga, com a qual passaram a viver no esplendor da cidade com mais fausto que o rei.

E o carvoeiro, bendizendo o coração da filha, recorda-lhe os tormentos que soffreram, elle e os seus, a entrada da caverna, durante o tempo em que viviam transformados em arvores.

COELHO NETTO

NO CIRCO

(De «Le Bon Vivant»)



1) — Uma pequena volta a passo moderado!



2) Valsa!



3) De joelhos!



4) De pé!



5) Reflexão do cavallo: — Que tope! Sou eu quem trabalha e é elle quem se faz applaudir!



6) — Tira-te d'ahi, que já estás muito visto!

HAVIA um rei que, no momento de morrer, chamou seus dois filhos e falou-lhes assim: «Meus filhos, promettam-me uma coisa. Vocês têm uma irmã que nunca viram. Está encerrada em uma torre, porque, no dia em nasceu, uma fada predisse que ella traria grandes infellicias á familia.

Por isso fechamol-a na torre; promettam-me nunca a tirar d'alli»

Hisse isso e morreu lá depressa que os filhos não tiveram tempo de lhe prometter coisa alguma.

Imediatamente reuniram-se os principaes personagens do reino e nomearam rei o príncipe mais velho. Appena terminaram as cerimoniaes da coroação do novo rei, os dois irmãos que ansiavam por ver a irmãzinha, correram á torre que não tinha portas nem escadas, metteram-se na cesta por onde subiam os alimentos para a princeza e chegaram ao seu quarto.

A formosa princeza Roseta alli estava com o seu cão, *Lindinho*, mordendo um panno muito rico. Quando viu entrar o rei, com o manto e a coroa, atirou-se de joelhos, pedindo que a fizesse d'alli.

— Pois viemos para te libertar, somos teus irmãos e vamos te arranjar um marido que te faça muito feliz.

Comquanto o cesto fosse muito pequeno para conter um rei com coroa e manto, um príncipe, uma princeza e um cãozinho, desceram todos, apertando-se bem.

Em baixo havia um jardim muito lindo, cheio de flores e fructas e a princeza encantada poz-se a correr e a brincar com o *Lindinho*. Em uma alameda encontrou de repente um pavão, passeando todo ancho, com a cauda aberta como um grande leque.

— Que é isso? perguntou ella espantada.

Disseram-lhe que era um pavão e logo a moça declarou solennemente que só se casaria com o rei dos pavões.

— Mas, querida irmã, disse o rei. Onde havemos de encontrar esse rei.

— Não sei, não sei, repelia a princeza, mas não me



caso não com o rei desses pavões tão lindos!

Não houve remedio. Logo que Roseta foi reconhecida como princeza por toda a corte, os irmãos sahiram pelo mundo a procura do marido que ella queria. Depois de andarem muitas leguas perguntando a uns e outros pelo rei dos pavões, uma abella mestra, dessas que sabem tudo, lhes disse afinal que havia passado um verão nos jardins daquelle monarcha e que seu reino estava a duas mil leguas pouco mais ou menos.

Os príncipes continuaram a viagem muito inquietos.

— Mas si o rei também for um pavão, como é que ha de casar com a nossa irmã? dizia o rei.

— Ora, respondeu o príncipe, lá tanto rapaz pavão por ali e todos casam.

Entretanto, quando chegaram ao reino viam com surpresa que os seus habitantes eram homens e mulheres, pavões humanos da melhor especie, vestidos com brillhantes penhas.

Os príncipes encontraram logo o rei, que andava passeando em um carro de ouro e brillhantes, puxado por doze pavões magnificos. Era tão formoso o monarcha, que os príncipes ficavam de bocca aberta.

— Senhor! disse afinal um delles aproximando-se do illustre peregrino, viemos de muito longe para mostrar a Vossa Magestade este retrato.

E assim dizendo entregou-lhe o retrato da princeza Roseta.

O rei ficou alheito contemplando aquella figura angelical e exclamou:

— Não é possível que possa existir uma moça tão linda.

— Pois existe, senhor, e é ainda mais bella do que no retrato.

O rei viajante disse quem era o rei dos pavões declarou com muita gravidade:

— Fiquei apaixonado por essa moça e consinto em casar com ella, mas tu queres saber se si não for tão bonita como mostra o retrato, mundo maluco! Não, não para não me enganar.



E ordenou aos guardas que metessem os dous irmãos em uma prisão muito escura, onde deviam ficar até a chegada da princeza.

Escreveram a Roseta para que viesse e a princezinha ficou como douda de alegria ao receber a carta. Embarcou num navio de vela com Lindinho e partiu. A sua aia, que também parecia anciosa em chegar, perguntava todos os dias ao capitão do barco:

— Já estamos perto?

— E o homem dizia não.

— Não!

Até que um dia respondeu:

— Sim, já estamos perto.

Então a aia, disse-lhe ao ouvido, em voz muito baixa.

— O senhor quer ganhar muito dinheiro?

— Como, respondeu o capitão.

— Esta noite, disse a aia, jogaremos a princeza no mar.

Depois vestiremos minha filha com a sua roupa, ella casará como rei dos pavões e eu lhe darei brilhantes até encher o seu navio.

O marabheito que não era tão máo como a aia, disse que tinha pena de matar a princeza, mas a aia o embriagou com um vinho muito doce e o capitão acabou por aceitar a proposta.

Alla noite quando a princeza estava dormindo com Lindinho aos pés, pegaram no cama muito devagarzinho e alisaram ao mar, com tanto cuidado que nem a princeza nem o cãozinho acordaram.

Felizmente o cãozinho que era de ponnas começou a boiar.

Logo depois chegou o barco ao reino dos pavões, onde o rei havia preparado uma recepção esplendida. A malvada aia vestiu na filha o traje mais bonito da princeza, mas apesar dos bordados e dos brilhantes essa rapariga era tão feia que causava horror. Tinha as pernas tortas, uma grande verruga no nariz, era um monstro.

Apozar disso teve a ousadia de atravessar a cidade em uma camuagem negra, puxada por cinco macacos ricamente ajeitados. O povo que a esperava, disposto a gritar «Viva a nossa linda filha!», ficou espantado de ver aquelle mostro e começou a assobiar gritando:

— Fora a fofosa!

Ella irritada, insultava todo o mundo e dava taponas nos que estavam mais perto.

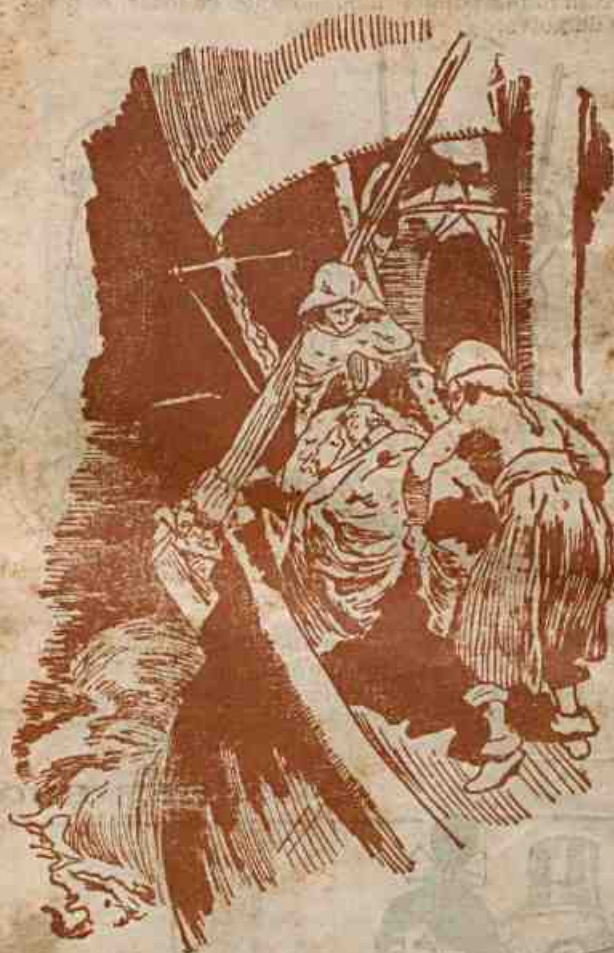
Imaginem-se que ficou o rei dos pavões, quando a viu. Ergueu-se furioso, exclamando:

— Que quer dizer isso?

Então zombaram a estin da melhor dos reis! Ah! a minha vingança será terrível! Ponham immediatamente os dous miseráveis que me enganaram no mais fundo dos calabouços. Quero também que enforcuem esta terrível criatura e todos os que a acompanhavam.

Enquanto isso se passava Roseta, acordou e, vendo-se sozinha no meio do oceano, poz-se a chorar.

— Ah! meu Deus! exclamava ella, que será de mim?



NEM A PRINCEZA NEM O CÃOZINHO ACORDARAM

Levou dous dias boiando, com muito frio e muita fome. O cãozinho ladrava continuamente e a moça dizia-lhe entre os soluços: ladra Lindinho! Ladra para ver si alguém ouve!

Por fim um velho pescador ouviu da sua cabana aquelles latidos e sahio lo com o seu bote salvou os dous naufragos. Levou-os para a sua cabana; ali Roseta contou a sua triste historia e pensando que fora alçada ao mar por ordem do rei dos pavões, pediu ao pescador que occultasse a sua presença.

O pescador era muito pobre, não podia dar a princeza comidas finas e como Roseta só gostava de carnes muito bem preparadas, amarron um cestinho no presépio do Lindinho e mandou-o procurar alimentos na melhor cozinha da cidade.

A melhor cozinha era naturalmente a do rei; para ali se encaminhava o cãozinho; os criados tinham sahido. Lindinho mais que depressa poz no cesto todos os manjares que haviam sido preparados para a mesa real e voltou de carreira para a cabana.

Quando chegou a hora do jantar do rei não havia nada para pôr na mesa.

O soberano ficou enfurecido, mas na hora da ceia aconteceu a mesma coisa e durante tres dias, Lindinho roubou toda a comida, deixando o rei sem almoço, nem jantar, nem ceia.

O pobre monarca estava magro. No terceiro dia resolveu ir em pessoa vigiar a cozinha e qual não foi o seu assombro, vendo o cãozinho que carregava todos os peixes. Sem se lembrar sequer do sua dignidade real, sahio a correr pelas ruas, atrás do cão; correu, correu até que foi dar na cabana onde encontrou Roseta, muito satisfeita, comendo a sua sopa.

Ficou tão indignado que queria enforcar logo o velho pescador, mas este ajoelhando-se a seus pés contou-lhe toda a historia.

Sua magestade ficou tão contente por encontrar a princeza Roseta que, apesar de não ter comido havia tres dias, deu tres pulos.

Poucos dias depois celebrou-se o casa-



DAVA TAPONAS NOS QUE ESTAVAM MAIS PERTO

mento com muita pompa indo adiante de todos, os dois irmãos da noiva.



APEZAR DE NÃO TER COMIDO HAVIA TRES DIAS,
O REI DEU TRES PULOS

A pedido de Roseta foram perdoados a aia e o capitão do navio e o rei deu muito dinheiro ao pescador. Viveram então todos na maior felicidade, inclusive o Lindinho que foi nomeado guarda-mór da cozinha real.

M. MAITLAND

GAIOLA DO "TICO-TICO"

Parenta próxima da famosa *Cabeça do Mitho*, servirá esta gaiola para responder a todas as perguntas que nos quiserem honrar com sua colaboração a *Tística ou Literária*. É uma gaiola que fala e canta: não rufa, como a Caixa, na pelle das *camaradinhos*. Apenas tem um alcapão onde *cahirá* tudo que não servir.

Que esta secção é uma necessidade, prova-o o facto de já termos as seguintes respostas:

Aristeu Coelho (Rio) — Sim, senhor: pode mandar os versinhos. O que será difícil é o autographo vobis publicados, visto que se referem à sua namorada... Na sua idade, o seu melhor namorado deve ser a sabbatina do collegio e o doce de leite que a vovô faz, de se lambar o beico.

Nelson Noronha (Rio) — Vê-se que o camaradinho fez um grande esforço para nos contar em verso a historia da *Morada do papai*. Damos-lhe um consellio: contenos isso em prosa simples, que terá mais graça.

Carlos Andrade Neves (Rio) — Com essa idade já tão triste e tão dramático? Pelo amor de Deus! Adoce um pouco os seus nervos, ainda que para isso tenha de gastar uns cobses em *tablettes* da Companhia Assuacoreira.

O Bubú é um menino intelligente e esperto, que promette... saber ganhar muito bem a vida. Elle teve que recitar uma fabula deante de sua madrinha, num dia de festa.

Chegando à casa da madrinha, pergunta-lhe:

— Disseram-me que a senhora me daria dez tostões si eu recitasse uma fabula em sua presença?

— Sim, meu travesso.

— Pois si quizer recito-lhe duas por nill e quinhentos.

A MULHER ENGANOU O DIABO



— Eu vou sair. Olha que alli dentro tem o diabo. Não mexas alli!

— Mas terá mesmo o diabo?
Qual! Sou como S. Thomé:
— Só acredito no que vejo.

Tirada que foi a rolha, sahio o diabo e disse que ajudaria a dar a sêra com que seu marido iria premiar sua curiosidade.



A mulheirinha teve então uma idéa e disse: — Tu não estavas ali dentro!

Estava sim, respondeu o diabo.

— Qual! É mentira! Tu és um grande mentiroso!

— Estava, já disse.

— Só acreditarei si entrares para eu ver.

O diabo então entrou para provar. A mulheirinha enrolou a garrafa.

Botou-a lá no canto e riu muito de ter enganado o diabo e de se ver livre da surra, que de certo levaria si elle tivesse ficado solto.

I
A MORTE DO GATO

1) Todos os dias D. Ludovina se queixava de que o gato sujava a casa toda e pedia que puzessem fora aquelle bicho tão feio... mas seu Fortunato, que tem muito bom coração, ficava com pena.



2) Até que um dia, tanto a mulher insistiu que elle resolveu ir jogar o gato ao rio. Amarrrou-lhe uma pedra no pescoço e sahiu, mas o bicho não quiz andar nem por nada.



3) Seu Fortunato teve que carregal-o ao collo e o gato arranhou-o todo, rasgando-lhe a roupa... Quando chegaram ao rio...



4) seu Fortunato estava em misero estado. Atirou o gato e ficou olhando com muito pesar.



5) O bichano quiz nadar mas a pedra puxava-o para o fundo. Quando seu Fortunato viu que elle estava quasi se afogando, só com uma patinha de fora, não se conteve e atirou-se ao rio para o salvar.

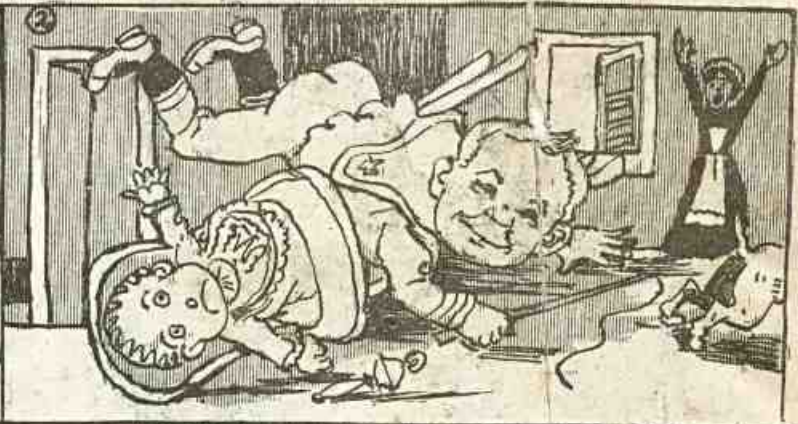
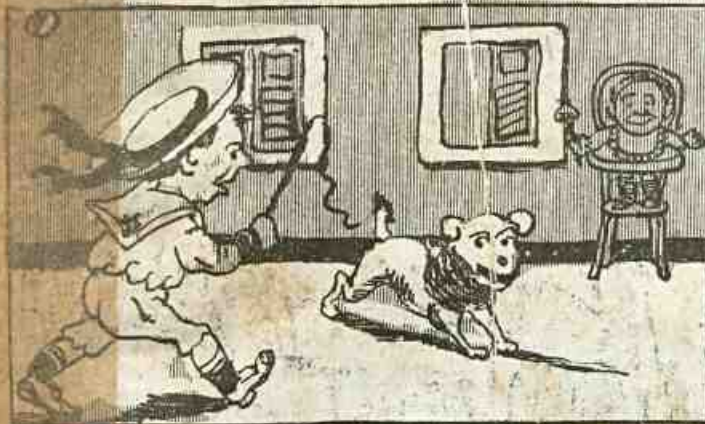


6) Imaginem com que cara ficou D. Ludovina ao ver voltar o marido encharcado d'agua, sem chapéo, todo rasgado, todo arranhado... e com o gato!

AS DESVENTURAS DO CHIQUINHO

I

A CORRIDA COM O JAGUNÇO



Chiquinho tem um cachorro chamado Jagunço, que é quase tão levado da breca como o dono. Um dia Chiquinho foi brincar de cavalo com o Jagunço. Pegou num chicote e...

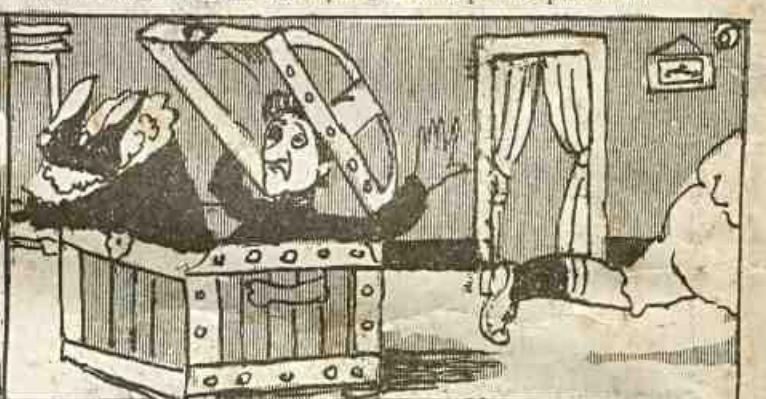
...saiu a correr atrás do cachorro. O primeiro resultado não se fez esperar.

Nenê, que estava muito quieta na sua cadeirinha, virou com cadeira e tudo e o Chiquinho deu um trambulhão por cima de ambos.



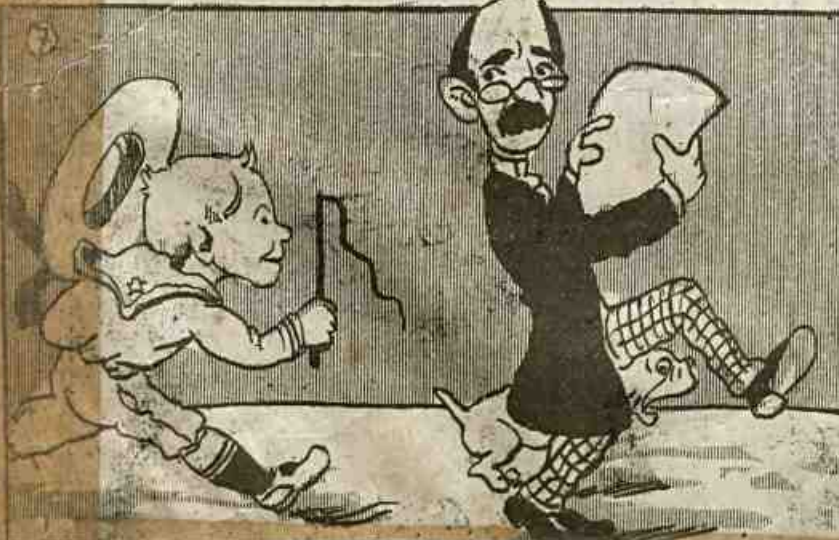
Mas Chiquinho não desanimou. Saiu atrás do Jagunço e desapareceu pelo jardim, onde mana Zizi estava passeando com a sua boiada.

Depois da passagem de Chiquinho foi preciso que o jardineiro viesse acudir a mana Zizi, que ficara de pernas para o ar.



Veitaram Chiquinho e Jagunço para dentro de casa. Mamã, que estava arrumando uma mala, quando os viu entrar teve um grande susto.

...mas não conseguiu evitar o choque. O menino e o cachorro passaram nam tal reboliço que atiraram mamã dentro da mala.

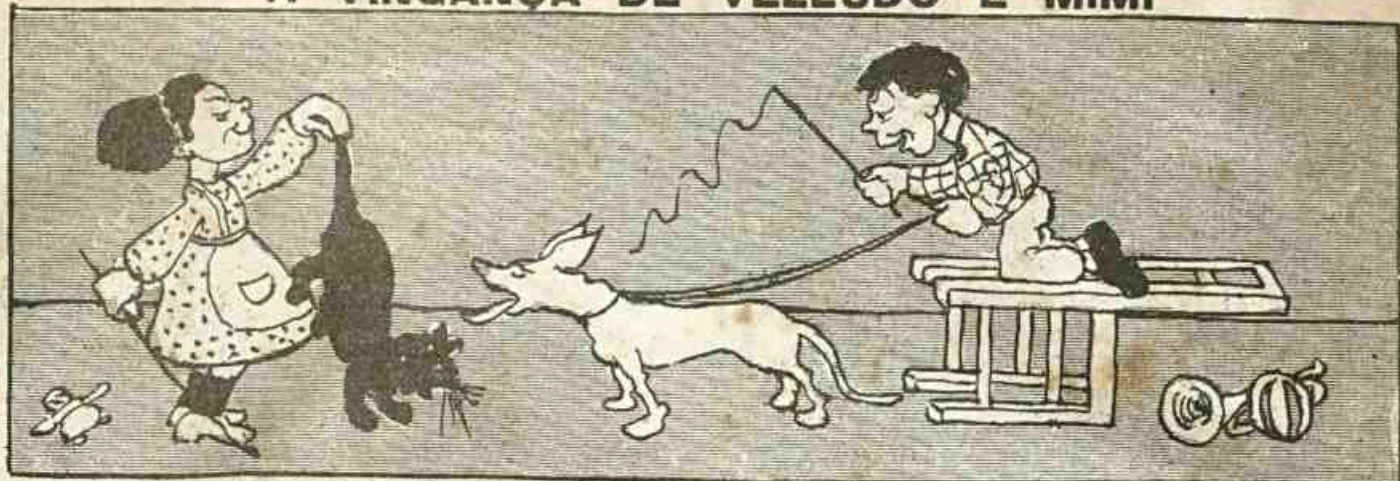


Não era só, estava papão. Jendo o Malho. O cachorro passou na pela de Chiquinho atirou-se também...

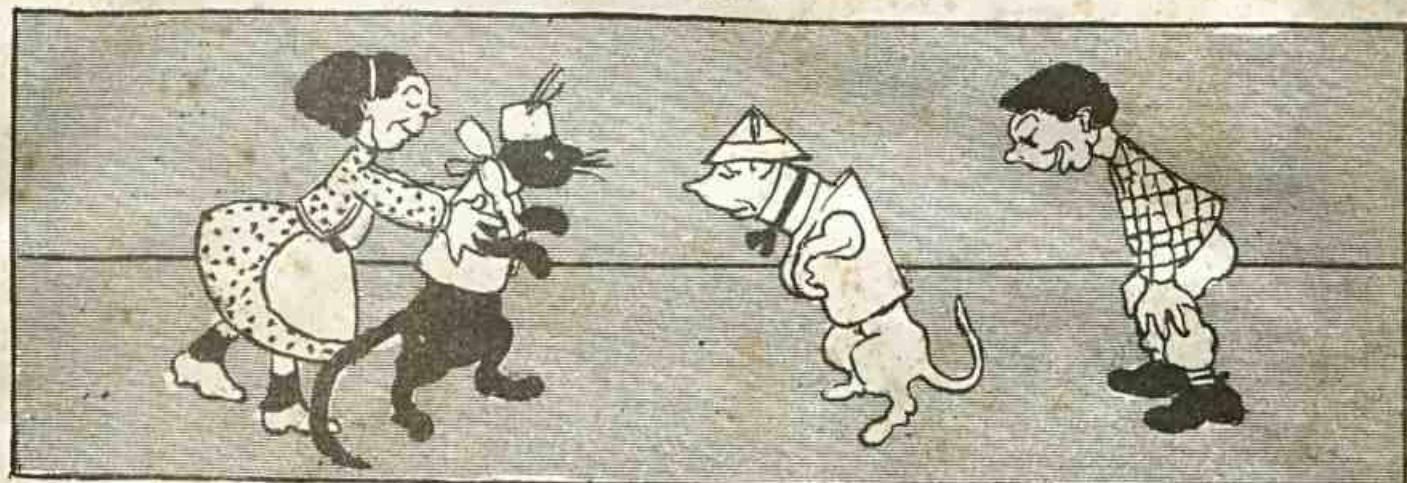
Mas com papão a gente se mais seria e a brincadeira da corrida acabou com uma rova que Chiquinho apunhou. Palmada em pence, iam o Jagunço ficou com pena!

Mary

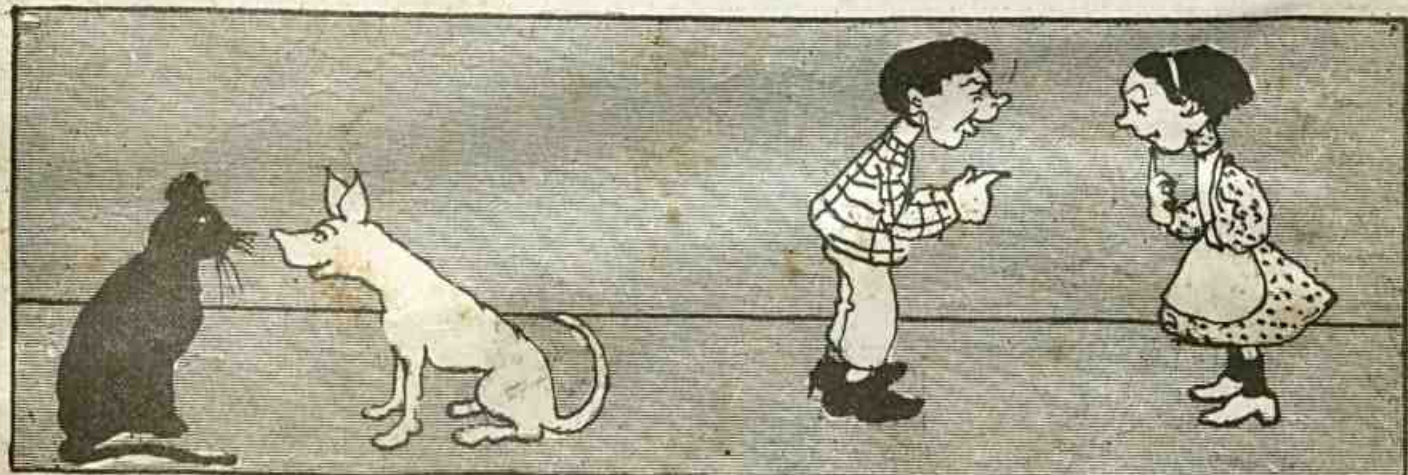
A VINGANÇA DE VELLUDO E MIMI



A mamã de Juquinha e Lili tinha em casa um cãozinho, o Velludo, e um gatinho, o Mimi, ambos muito mansos. Juquinha e Lili eram meninos más e judiavam muito com os pobres bichinhos.



De todas as judiarias, a de que elles gostavam mais, era vestir os dois animalzinhos com roupas de papel e fazel-os andar como gente por toda a casa. Juquinha e Lili riam-se a mais não poder daquella zombaria.

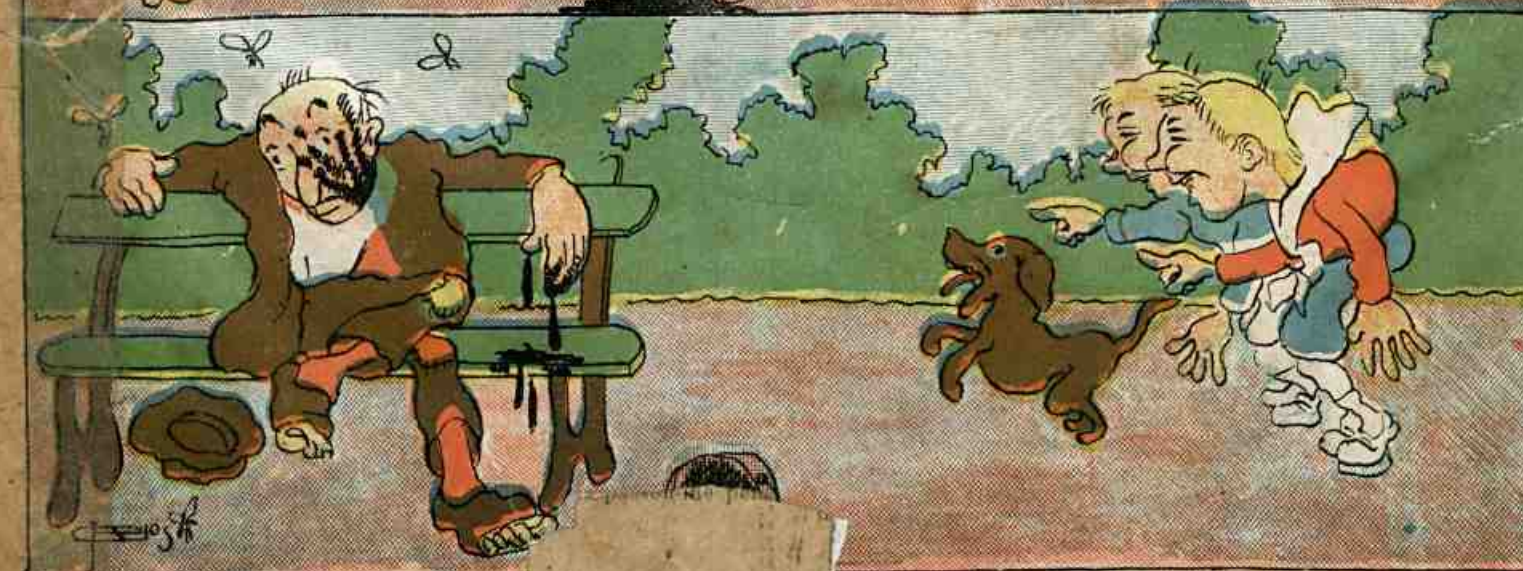
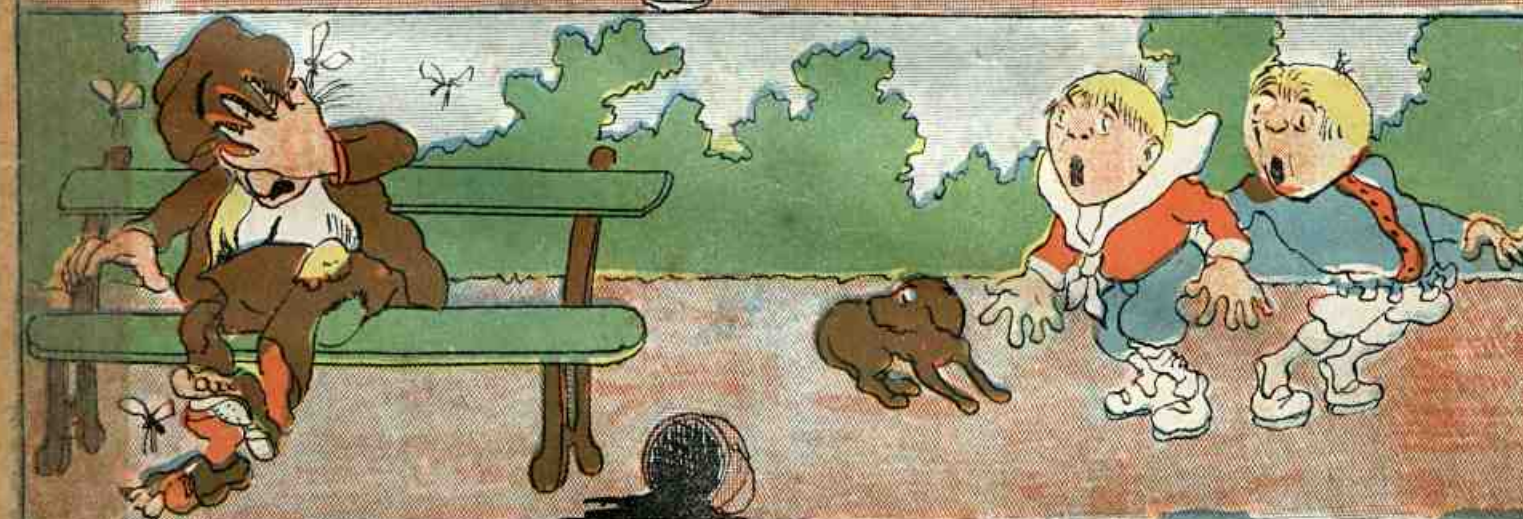
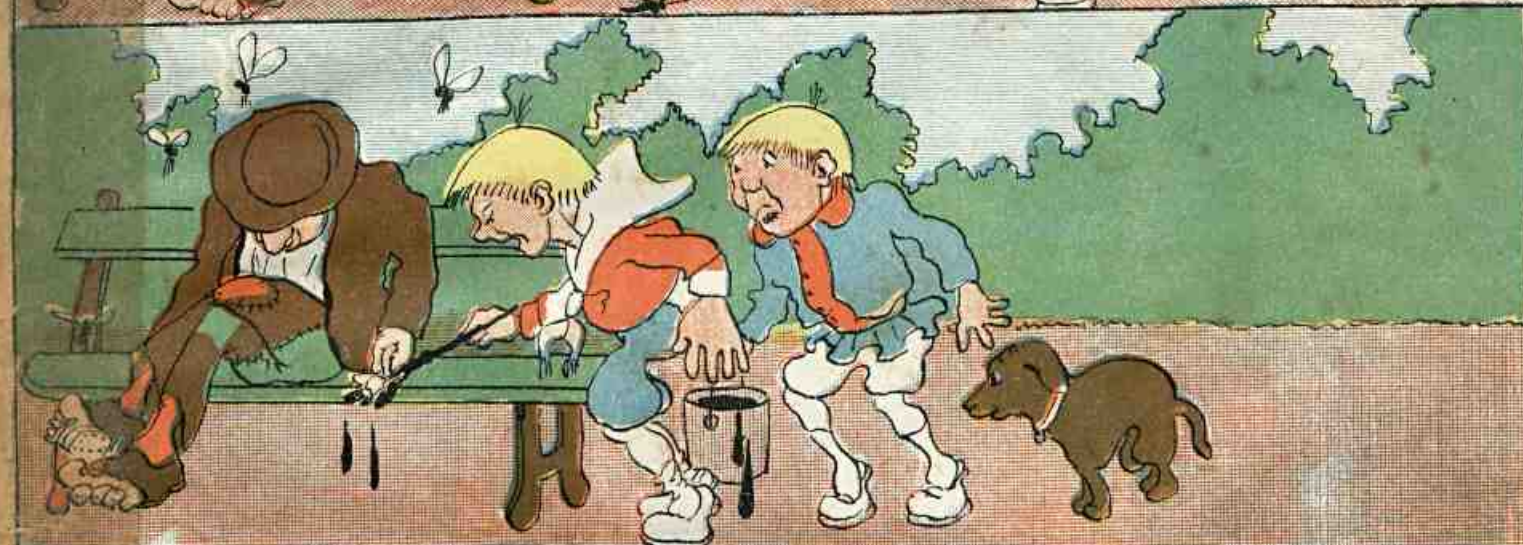


Havia nos fundos da casa um rio, onde Juquinha e Lili costumavam tomar banho ás escondidas da mamã. Um dia elles estavam combinando o banho e Velludo e Mimi, que tudo escutaram, prepararam uma vingança.



Dito o feito, Mal Juquinha e Lili tinham entrado no lugar dellas pa, eram as de papel com que eram judiados. A
serão de bananas !
Isso diz voce
bananas e só me dá as
tiraram muito depressa as suas roupas e no
tudo de tudo assim, e deu-lhes uma surra.

HISTORIA SEM PALAVRAS



Os concursos d'O TICO-TICO

nina que nos enviar, até o dia 10 do mez proximo, a solução mais elegante.

O Tico-Tico, de accordo com o que já declaramos pel'O Malho, abrirá os mais variados concursos entre os meninos e meninas, que vão constituir os seus leitores.

Pel'O Malho abrimos já o primeiro concurso, que se encerrará no dia 30 do corrente, e cujas condições repetimos abaixo.

Ficam tambem abertos os outros dois concursos, que se seguem ás condições do primeiro.

CONCURSO N. 1

(Os concorrentes não devem ter mais de 12 annos)

— QUE É QUE O MENINO QUER SER ?

Os meninos devem dizer-nos sob o titulo O QUE EU QUERO SER qual a profissão que desejam adoptar e devem apresentar os motivos e razões por que preferem essa profissão.

CONDIÇÕES PARA CONCORRER :

As respostas serão curtas, não podendo occupar mais que uma pagina de papel almanaco: as que excederem uma pagina de papel almanaco não serão accelltas.

As respostas devem ser enviadas ao nosso escriptorio, até o dia 30 do mez corrente, e devem trazer as verdadeiras assignaturas dos respectivos autores, a idade e o lugar em que moram.

É claro que nem os pais, professores ou quaesquer outras pessoas devem intervir nesses respostas, pois quem, por exemplo, preparasse ou emendasse a resposta dum menino não só desvirtuaria o intuito do concurso como praticaria um acto de falsidade que, por si só, influiria perniciosamente na moral do menino.

Deixem os meninos responder inteiramente de conformidade com o seu espirito e aspirações. A primeira virtude deste concurso estará nisso: desde logo o menino, ao dizer o que deseja ser, e pela maneira por que o disser, revelará as suas tendências, o seu animo, o seu valor. Desde logo o menino retratará o homem que guarda em si. E ao fim deste concurso, a que esperamos que concorram todos os nossos patriciosinhos (que nisto os pais os influam), conforme as profissões mais desejadas, já nós poderemos prever si essa nova geração que ali vem apontando terá a seiva e os ideaes capazes de conduzi-rem esta grande patria ao futuro que sonhamos brilhante.

Como v'eam, trata-se de um concurso interessantissimo.

PREMIOS

As respostas serão julgadas por um jury que vamos nomear, composto de pessoas eminentes. No julgamento influirão não só a boa redacção como os argumentos, as razões por que tal profissão é a preferida. O menino autor da resposta considerada a melhor terá um premio de

CEM MIL RÉIS

com que poderá comprar livros, ou o que quizer, e enviá-los á o seu retrato para que o publiquemos.

Os meninos autores das respostas julgadas em 2º, 3º e 4º logares terão como premios 50\$000, 30\$000 e 20\$000, respectivamente, além dos retratos.

As respostas julgadas em 5º, 6º, 7º, 8º, 9º e 10º logares darão direito á publicação dos retratos dos seus autores.

São pois, como se vê, 10 as respostas premiadas, mas, além dessas, publicaremos tambem todas as outras que o merecerem — e só essa publicação já será uma homenagem aos seus autores.

Quando o menino premiado fôr do interior, mediante ordem legal de seu pai ou pessoa que o substitua, entregaremos aqui a importancia do premio ou a enviaremos pelo correio.

O prazo para a chegada das respostas a nosso escriptorio terminará em 30 de outubro proximo.

CONCURSO N. 2

Aqui estão dez palhaços, uns de pé, outros deitados, outros de cabeça para baixo, e outros em posição ainda mais incommoda. Os nossos pequenos leitores têm que recortar essas 10 figurinhas, e dispor-as de fôrma a construir com ellas as letras da palavra

Ali-Babá

Um premio de 20\$ será concedido ao menino ou me-



CONCURSO N. 3

(PARA MENINOS E MENINAS DO RIO DE JANEIRO)

Aqui está uma porção de palitos — são 11: qual o meio de fazer d'elles 8, sem destruir nem eliminar nenhum?



Um premio de 10\$ será conferido ao menino ou menina que nos enviar a primeira resposta exacta. Recebam-se as respostas até o proximo sabado, dia 14.

MACAEO POR BANANA



— Vem cá, meu bem! casa-te commigo! Prometto-te um paraíso; os nossos almoços, jantares e ceias sempre serão de bananas!...

— Isso diz, você agora, mas depois, como todas as bananas e só me dá as cascas!...

As aventuras de Piriripipi e Jururububú

Um nasceu em Canudos, na Bahia, e o outro no Timbó, no Rio Grande do Sul. Inimigos de graça, Piriripipi e Jururububú, desde o nascimento, juraram acabar um com a vida do outro por questões até hoje desconhecidas. Ambos eram velhacos e dispunham do grande poder mágico. Andavam pelo mundo a fazer proezas, e talvez por isso é que nasceu a rivalidade entre o gaúcho e o bahiano.

E' preciso notar que elles tinham medo um do outro e evitavam encontrar-se antes de ter estudado o plano para triumphar completamente do adversario.

Todo o mundo falava em um e outro e apostava por Piriripipi ou por Jururububú.

A coisa andava assim quando de repente os dous se encontraram na estrada. Piriripipi, avistando Jururububú, transformou-se em grão de milho e ficou entre as pedrinhas do caminho.

— Raios te parlam, si não acabo contigo!

E immediatamente Jururububú transmutou-se em gallo de briga e poz-se a ciscar para tirar o grão de milho do meio das pedras e engullir-o de vez.

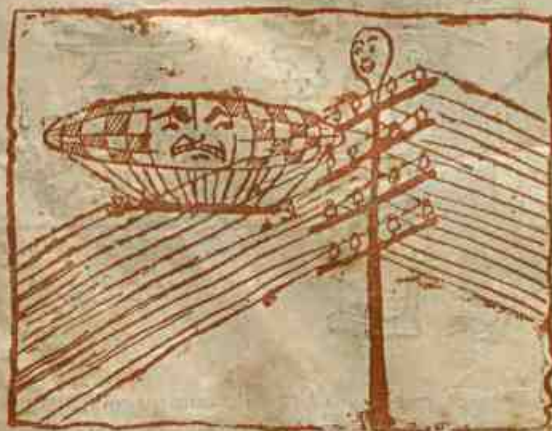
Piriripipi percebeu a magia e sentiu-se perdido. Mas deixar-se-lhe elle vencer assim sem mais nem menos? Não! Isso era um absurdo! E Piriripipi começou a grelar, a grelar, enquanto o gallo ciscava a procura do grãozinho, já mudado em espiga no alto do pé de milho. Desesperado, Jururububú foi-se embora, enquanto Piriripipi desatava a rir do desespavo do outro.

Ouvindo as gargalhadas, Jururububú voltou-se e avançou para Piriripipi. Agora vinha feito bicycleta, a



toda a velocidade, e teria infallivelmente esmagado Piriripipi, si este não tivesse a lembrança de se transformar em ponta de prego, tão pequenino e tão fino que a bicycleta nem sequer achalou. Mas ali, a ponta do prego furou o pneumatico das rodas e Jururububú cahiu no meio do caminho praguejando.

Piriripipi podia perfeitamente apanhar o inimigo e dar-lhe cabo dos ossos, e lá agarral-o quando Jururububú, crendo alento, mudou-se em balão de Santos Dumont e entrou a voar no espaço com grande espanto de Piriripipi; que começou a chorar de raiva, imaginando um plano para apanhar o balão, fural-o e dar com Jururububú em terra. Teve uma idéa e mudou-se em poste telephonico cheio de fios e pontas, mesmo no momento em que o balão descaía. O resultado foi que Jururububú engalhou-se nos fios com o seu balão e veio cahindo todo rasgado.



A coisa estava preta e desta vez Piriripipi metia o gancho em Jururububú, porque estavam perto do mar,

e elle, apesar de ser um grande magico, nadava menos que uma bola de chumbo.

Piriripipi ria a bom rir dos apuros de Jururububú; quando este se lembrou de tomar a forma de um navio de guerra e lá se foi navegando para o alto mar, de onde começou a bombardear a costa com todos os canhões de suas torres de aço. Piriripipi estava perdido, mas em quanto o couraçado Jururububú acertava as suas melloas pontarias, Piriripipi transformava-se em torpedeira e navegava com uma carga de dynamite em direcção ao terrível navio de guerra.



Desta vez Jururububú lá a pique com os torpedos de Piriripipi, si o perigo não lhe suggerisse a idea feliz de se mudar em peixe, de sorte que no instante mesmo em que a torpedeira chegava a cem metros do couraçado, este desapareceu engulido pelas ondas do oceano.

— Bravo! exclamou Piriripipi, desta vez ganhei a partida; o casco velho afundou e não escapa mais!

E lá se veio muito contente no seu naviosinho para o porto, quando viu na praia um enorme tubarão com os



dentes arreganhados á espera de Piriripipi para o engulir de um trago.

(Continúa).

DARIO FILHO

BRINCANDO E APRENDENDO



Esta figurinha representa um passaro pousado num poleiro, prompto a voar. A vontade, a criança pode fazel-o vir beliscar a comida na mão. E' passaro recortado em papelão e montado sobre duas pernas de arame, enrolado ao poleiro. Faz-se descer da cauda do passarinho um outro arame curvo, como a dica a figura, e terminado por um pedaço de chumbo ou de ferro. Assim o passaro

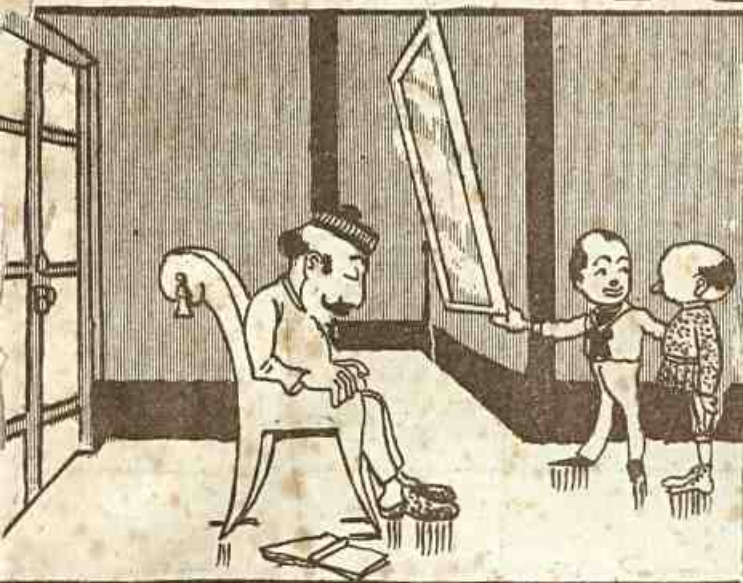
se mantem sempre de pé sobre o trapezio. O bico é formado de um bico de penna de escrever, e a criança, para brincar, dissimula na mão, entre o polegar e o index, um pequeno pedaço de pão diante d'elle, escondendo-o, uma bolinha de atole de pão. Aproximando o passaro, e este (porque o bico é de ferro), atraído, vem picar o pão, como si o quizesse comer. Afasta-se a linha e o brinquedo volta á sua posição primitiva; e assim, successivamente, até que a criança se enfada e afira tudo para o lado.

Num hotel.

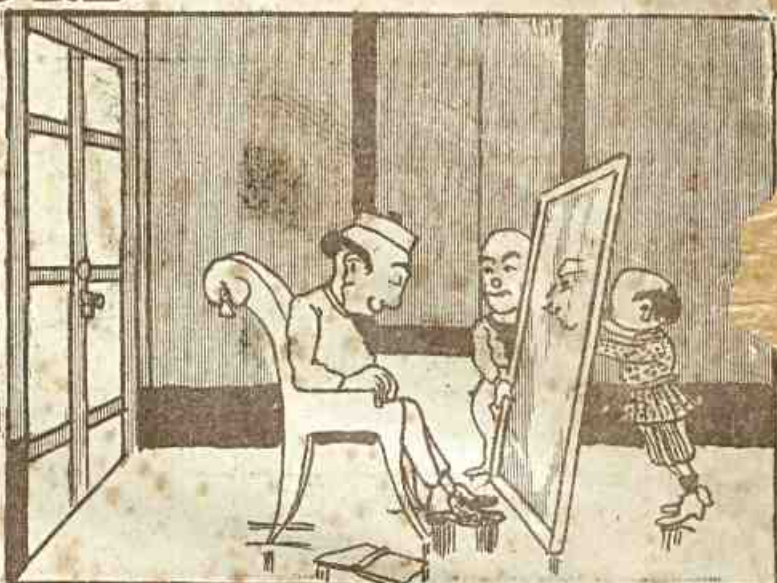
O freguez: — Olá garçon, que imundície é esta? Como é que eu encontro um cabello na sopa? Olha aqui!

O garçon examinando: — Oh! não é cabello, não, senhor! É simplesmente um fio do bigode do cozinheiro!

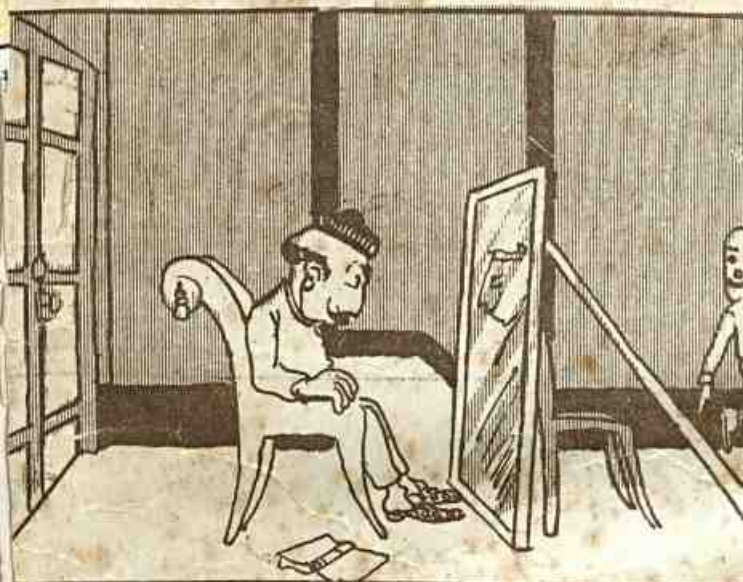
PUM!



— Ih! Como papae dorme! Vamos descer o espelho e collocar-o
nte delle.
— Vamos.



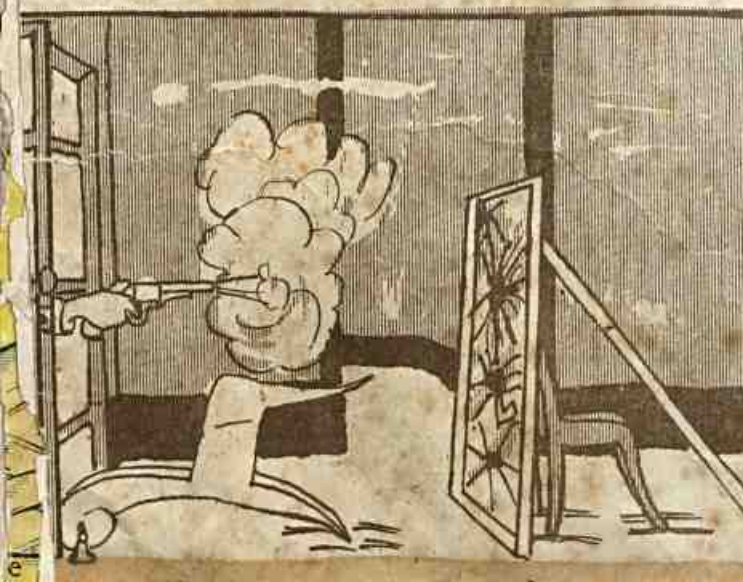
—Que cara engraçada tem papae!
—Principalmente quando dorme!



Escoras-te bem o espelho?
Escorei. Fica quiéto, fica quiéto, parece que papae vai
lar!



-Que é isto?!... Que vejo?!... Um estranho na minha frente?! Um gato dentro da minha casa?!... Espera aí!...



av. os sapaios que me lavadem o lar eu tenho sempre um
ga carregado.
ada Pum! Pum!



Nisto sua mine appare e di-lhe uma lingua para que
elle quizer fazer exorcismos de tiro ao alvo e a maldade de

de oameni de color
la mijlocul cărora
se află un bărbat
într-un costum alb.

O MENINO QUE MONTOU NO CACHORRO



O Tata era um menino muito mau. E o maior gosto dele era fazer perversidades ao Tótó, o vira da casa.



Uma vez ele soltou o Tótó, fez o pobre cachorro de cavalo e atirou-se para a rua.



Veio o fiscal da Prefeitura com a carroça de apanha cães, agarrou o Tótó e mais o Tata.



E foi mettendo os dois na carrocinha. Em vão o Tata gritava lá fora com o Tótó.



O pai do Tata mal soube do caso correu para o Dr. Passos, Prefeito, que lhe disse: — Isso não é comigo, e com o agente da Prefeitura do meu distrito.



— Seu agente! Venho buscar o Tata e o Tótó que vieram na carrocinha! Quer os sinais? O Tata está com uma blusa preta e branca. O Tótó é branco e preto.



— O Tata e o Tótó? Vou mandar saber como é isso. Olá, seu seu fiscal! Agora eu vou buscar o Tata e mais o Tótó.



que vieram na carrocinha. É um menino e um cachorro. — Ele parece-se muito comigo. O menino, está claro.



— Será este? — O Tótó é esse mesmo, porém... Porém o Tata?



menino? É a minha cara.

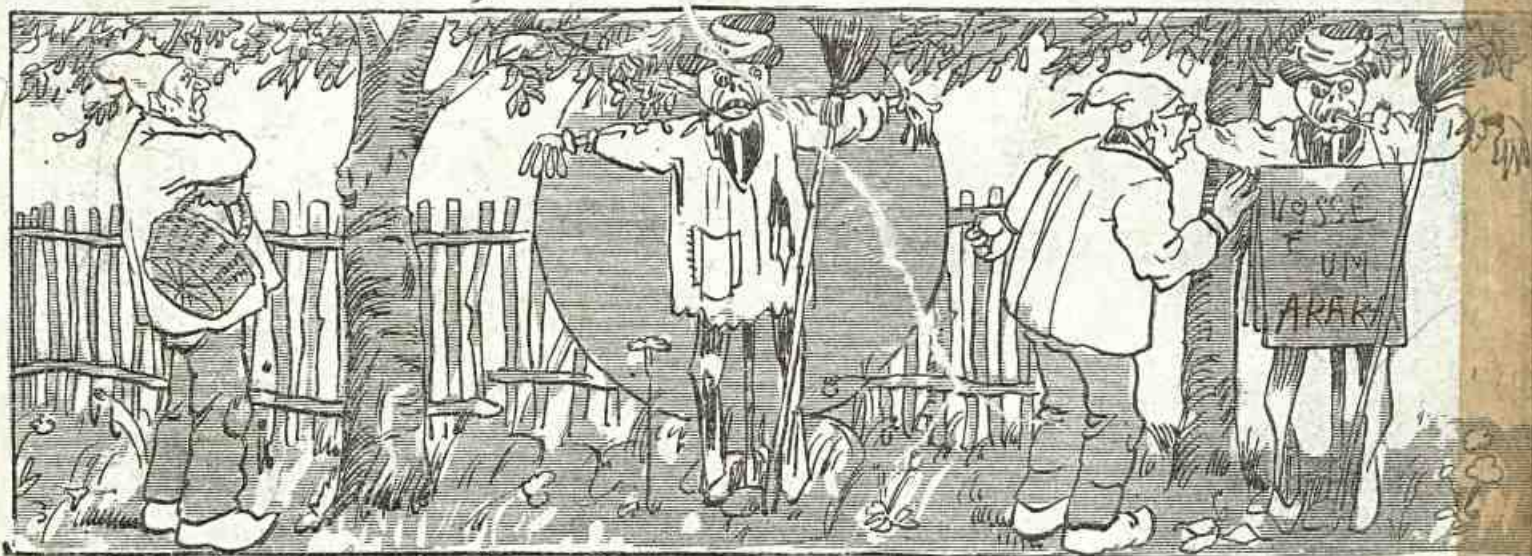


— Vá buscar o menino, seu fiscal. E o sr. tá lá a multa e a licença para ter o Tata, quero dizer, o Tótó.



Quando o Tata se apanhou na rua, e ni o Tótó, o pai gritou-lhe: Seu cachorro! E desde esse dia o Tata nunca mais diou com o Tótó.

AS MAÇÃS DO TIO FRANCISCO



1 O tio Francisco tinha uma macieira que estava mesmo carregadinha de fructos. Um bello dia notou que as suas maçãs desapareciam pouco a pouco.

2 Pensando que os passarinhos é que lhe causavam esse prejuizo, o tio Francisco fez um boneco feio para servir d'espantalho.

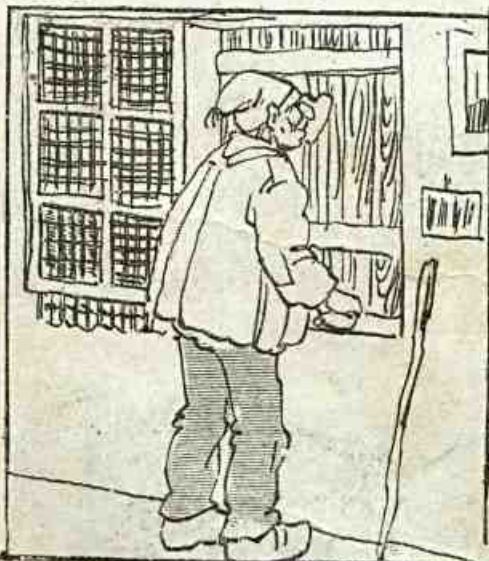
3 Mas no dia seguinte encontrou o boneco com um cartaz e uma pilheria estúpida.



4 Compreendeu então que se tratava de algum garoto e para apanhá-lo em flagrante untou o tronco da arvore com uma cola forte e foi-se esconder.

5 Dahi a pouco appareceu o Antonio, um rapazinho muito mal educado, que era o ladrão das maçãs.

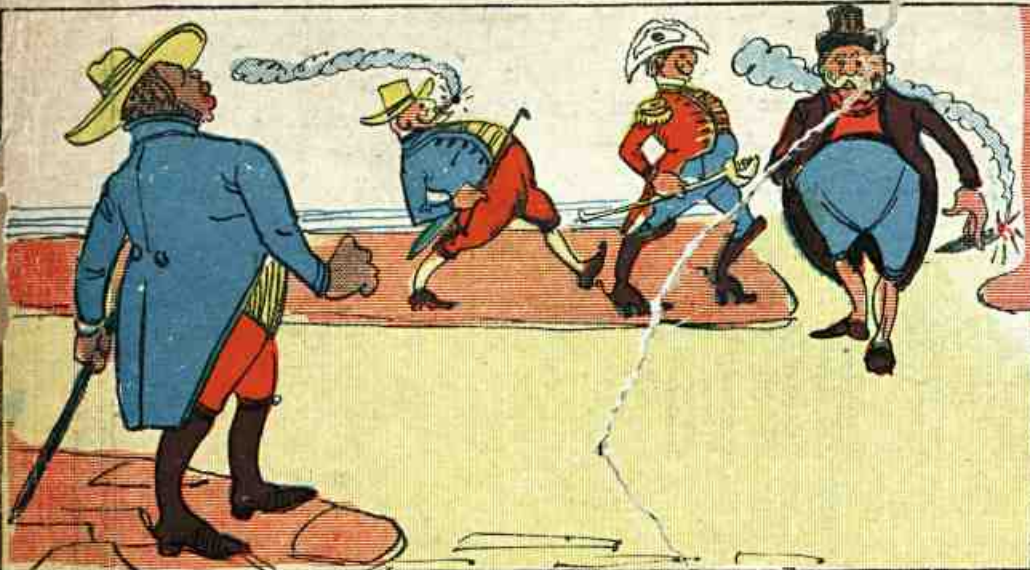
6 Subiu á arvore e como era de esperar apenas montou no tronco ficou preso pela colla.



7 O tio Francisco que estava espiando tudo por um buraco da janella ficou muito satisfeito...

8 ... e sahiu logo com um cacete para dar uma sova no garoto

9 Mas chegando á macieira encontrou alli as calças do Antonio garotinho que era grande a dor do Chiquinho arranjou um jeito de livrar, fugindo á coleira do tio Francisco.



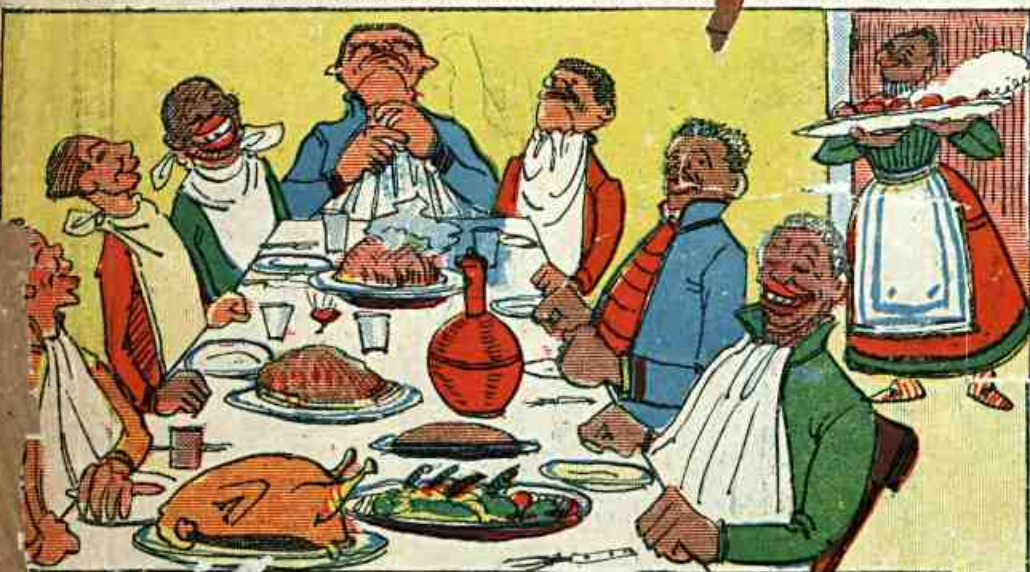
1. — Havia naquella tempo uma grande antipathia natural entre os filhos do reino e os brasileiros. E esse resentimento mais se pronunciou porque a immigração portugueza se avoluma, sobretudo com elementos arrogantes, funcionarios, favoritos e militares. Eram elles que obtinham bons empregos e regalias. E começara a irritação popular principalmente em Pernambuco.

O pernambucano não via com bons olhos essa gente parasita e fazia os seus planos.



2. — Havia um negociante, chamado Domingos Martins, educado na Inglaterra e que era em Pernambuco valente pugnador dos sentimentos dos brasileiros.

Esse negociante armou uma conspiração com officiaes pernambucanos que partilhavam da sua maneira de pensar.



3. — E o nativismo dos brasileiros chegou a tal ponto, que não se admitia nas mezas iguarias estrangeiras: — Nada de azeite, pão, vinho, azeitonas, etc; diziam elles: Venha para cá pirão de farinha de mandioca, macacheira cozida, mel de engenho, perú, maxixes, abobora, etc. Era um regalo!



4. Tornou-se tão grave a situação, que o capitão-general Caetano P. de Miranda Montenegro ordenou a prisão dos officiaes mais exaltados para ver se acalmava o movimento. O marechal José Roberto effectuou as prisões sem difficuldade, e entre os presos foi também Domingos Martins, o grande agitador.



Mas o brigadeiro Barbosa, querendo além de prender, castigar com rebores os officiaes suspeitos do regimento de artilharia que elle commandava, foi assassinado pelo capitão João de Barros Lima, a quem chamavam Coroadinho e que o atravessou com a espada sem que nenhum dos outros se movesse para defendel-o.



6 O governador de Pernambuco, vendo que a revolução ganhava terreno a passos gigantes, ficou com muito medo, chamou a familia e disse: Vamos meu povo, toca depressa para a fortaleza do Brum. E sauiu abandonando o seu posto.

A SAUDE DA MULHER

Remedio heroico para a cura radical das molestias das senhoras em todas as suas phases.

DEPOSITO GERAL
Drogaria Pacheco
RUA DOS ANDRADAS 59

Gaiola d'O TICO-TICO

Odillon (S. Paulo) — Ah! vão os seus versinhos todos puxados á sustancia. O que vale é que o nosso amigo já tem os seus 12 annos muito bem feitos.

CHROMO

A' senhorita Zizi.

Diz nos a voz da razão
Ser a nossa vida o amor;
Não alimenta o coração
O perfume dessa flor?

Quando o véo de nossa infancia
Elle rasga de inansinho,
Exige de nós constancia,
A brandura d'um arminho...

Antonio Alexandre e Murillo Martins — Com tempo serão publicadas.

Luzia Lisboa e Miola — Serão aproveitados os desenhos. Menino ou menina que mora na rua Amaral Gurgel n. 27 (S. Paulo) — Queira mandar o seu nome que não veio na solução do concurso n. 54.

Julietta Moraes (Rio) — Já se defende com tanta eloquencia, fica o dito por não dito.

Nelson Guimarães (Rio) — Cá está o seu bello retratinho. Vel-o-á nas paginas do nosso Almanach. Do nosso, porque nós tambem somos gente.

Maria Villela (Petropolis) — Sim, descobrimos o nome. Sentimos muito o motivo que a impede de nos mandar a photographia. Sentimos tambem que duvidasse do nosso sorteio de S. João. Seria tão facil e tão justo dar-lhe o premio pelo seu lindo trabalho... Mas a sorte não o quiz — e isso aconteceu a todos que enviaram soluções de luxo.

Olavo Silva e Til (Rio) — Recebidas as historias illustradas. Vamos ver se são boas para publicar.

Luiz Albubuerque — Não tem graça. Faça outra.

AVISO: Recebemos dous desenhos com o titulo — Uma lição e Orgulhoso. Como não estão assignados ficam a esperar pelo nome.

João Chaves Penna (S. João de Muquy) — Não podemos saber porque rasgamos os originaes.

Moreninho (Botafogo) — Perdão! O Tico-Tico não é correio para levar cartões postaes de namoro. Perdão!

João Colruco (Rio) — Muito gracioso para a sua idade. Por isso lá vai o

SONETO

Ha tres dias que procuro
J que cantar num soneto,
Cada vez stá mais escuro,
Em cada uma eu me metto!...

Olho p'ra cima e p'ra baixo,
Olho p'ra dentro e p'ra fóra,
Assim mesmo inda não acho;
Já se vai mais de uma hora...

O papel vou consumindo
No que cantar, procurando
O leitor de mim está rindo?

— Sinto a cabeça estalando;
Depois do soneto findo,
guem lê e eu só chorando...

quem não chora... não ganha biscoito. O outro depois
Clandionor Bemvindo, Appiacaz Pimenteira Lins,
Elodie Jaymot, Braz Eugenio Ramos, Pedro C. Junior,
Arthur Alberto, Luiz Augusto de G. Albuquerque, Gilberto de Paula e Silva, Lucilia de Paula e Silva, Guillerme Paulo Schell Felizardo, Um anonymo, Amazor V. Boscoli, João Joaquim Lourenço, Renato E. de Andrade, H. P. T., Jandyr de Castro, C. Torre de Camargo, Stella Ayres da Rocha, José Malafaia Junior, Maria Alexandre, Adolpho Murat, Marinette Telles de Menezes, Enée Cordilha. — Recebemos os seus desenhos, varios julgal-os e si estiverem em condições, serão publicados.

Phryné Rolemberg (Rio) — Si as suas perguntas não têm sido publicadas ou é porque ainda não chegou a vez, ou é porque não têm servido. Os versos que agora nos mandou não estão bons.

Publicamos só uma quadrinha que, mesmo emendada, não é grande cousa:

Quando eu fui ao meu jardim,
As plantas seccas regar,
Encontrei um tico-tico
Na sucena a belliscar.

Cecilia Braga (Rio) — Diz a nossa querida amiguinha

Em todas as quartas-feiras,
Alegre e risonha fico,
Pois que vou a toda pressa
Apanhar O Tico-Tico.

Respondemos:

Até deixa de comer,
Diz na outra quadrasinha.
Pode ficar doentinha,
E depois... não pode ler.

Mariquita Castro — Soneto não é assim que se faz: precisa que todos os versos tenham rima uns com os outros. Quando for maiorzinha ha de aprender isso.

Em todo caso, como tem uma bonita idéa, publicamos o seu soneto.

AO CHIQUEINHO

Na porta de uma casita
Cercada de trepadeiras,
Estavam duas crianças
De douradas cabelleiras.

Ambas claras e coradas,
Nos olhos a cor do mar.
De que eram bem quietinhas,
Faziam logo acreditar.

Por que seria porém,
Que estavam assim tão caladas,
Nos labios tendo um risinho?

Era porque estavam lendo
No querido Tico-Tico
As historias do Chiquinho!

(Um abraço no Chiquinho).

Waldemar Sanches de Brito — Não ha razão para surpresa. O seu trabalho estava bom e, portanto, não fizemos mais do que cumprir com o nosso dever, dando-lhe publicidade.

E. R. L. (Fortaleza) — Quando recebemos sua carta, já estava em preparo, e continúa, o Almanach de que fala.

INGENUIDADE DE FAMILIA



O menino (muito ingenuo): — Mamã, já acabei de comer o meu doce... Agora mamã diz á Quiquita para me dar o doce della. E' preciso ensinal-a a praticar boas accões...

A mamã (ingenuamente): — Está bom, meu filho; quando ella acabar eu lhe falarei nisso...

O QUE OS MENINOS NÃO DEVEM FAZER

JOGAR

IV

Si o jogo em geral é uma pessima distração para as crianças, o do bicho, especialmente, é uma calamidade, porque, sendo o que todos os dias se faz com a maior facilidade, e parecendo ser lucrativo, é o que mais vicia os meninos, é aquelle que mais se entranha nos seus costumes, e o costume ou habito, é, como diz a regra, uma segunda natureza.

Parecendo ser lucrativo, dissemos; assim parece realmente, porque o menino que joga um tostão e por acaso acerta e recebe dous mil réis, pensa que fez um alto negocio; no dia seguinte arrisca, por exemplo, dez tostões e... fica sem elles, no outro dia vão mais cinco tostões, ou só mais dous, ou só mais um, e quem torna a comer todo esse cobre é... o banqueiro, que fica sempre com 24 bichos, jogando contra o bicho em que o freguez joga, isto é, fica com vinte e quatro probabilidades contra uma só, porque embora o freguez jogue em muitos bichos, sendo um só premiado, em vinte e cinco, a proporção é sempre a mesma: 24 do bicheiro contra 1 do freguez, seja qual fór.

Sendo assim, o prejuizo é certo, mais dia menos dia. Podem fazer as combinações que fizerem, a verdade é esta: no fim de certo tempo o menino que joga no bicho perdeu muitas horas de tranquillidade, de estudo, de trabalho, e uma somma de dinheiro que, posta a guardar nas mãos da vóvó, servir-lhe-ia para comprar um par de botinas, uma roupa, um cavallo e até mesmo um automovel, ou uma casa!

COUPONS

Recebemos os seguintes, destinados ás diversas casas de caridade desta capital, dos meninos: Luiz Soares Dias, 2.213; Gilberto Ottoni, 337, e um anonymo, 300.

A SAUDE DA MULHER. — Cura todas as enfermidades.

Da *Gazeta do Povo*, da importante cidade de Campos, transcrevemos, agradecidos, as seguintes linhas:

«No concurso *S. João*, do apreciado jornal caricato *O Tico-Tico*, do Rio de Janeiro, coube o premio de 50\$000, ao primeiro decifrador, ao nosso conterraneo o joven Octavio Galvão Baptista, filho do illustre Dr. Galvão Baptista.

Essa quantia foi hontem paga ao vencedor do concurso, pelo Sr. Arthur Rockert, que recebera ordem do Rio para fazer o pagamento, e teve a fineza de nos trazer essa comunicação.

Como se vê, os concursos d'*O Tico-Tico*, além de desenvolverem a intelligencia das crianças e recrear-lhes o espirito, offerece ainda a vantagem dos premios aos decifraadores que obtiverem o primeiro logar.»

NOTICIA MINUCIOSA

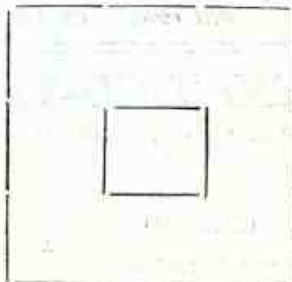


A mamãe: — Catula! Gostaste da festa na casa do dindinho? O menino: — Muito, mamãe; comi muito doce, enquanto os moços na sala só faziam isto. Si mamãe quer ver melhor como elles dansavam, eu vou chamar a Ninita para tocar o piano

OS NOSSOS CONCURSOS

Apresentamos, hoje, aos nossos pelizes, o resultado do concurso n. 55, encerrado em 27 de julho findo.

SOLUÇÃO EXACTA



Um dos nossos concursos de successo.

A pelizada, quer daqui, quer dos Estados, deu tratos á bola para resolver o nosso problema, mas quem tudo quer, tudo pode, e a victoria foi certa.

Feito o sorteio dentre os que nos enviaram soluções certas, a sorte pronunciou-se favoravel aos seguintes pelizes:

JOSÉ CALAZANS LEMOS GARCIA

de 8 annos de idade, residente em Porto Novo do Cunha, Minas Geraes, que pode mandar receber por pessoa competentemente abonada o primeiro premio, que é de 15\$000, e a menina

MARIA DE LOURDES PINHEIRO

de 11 annos de idade, moradora á rua Teixeira Pinto 48, Encantado, que pode vir receber o segundo premio, que é tambem de 15\$000.

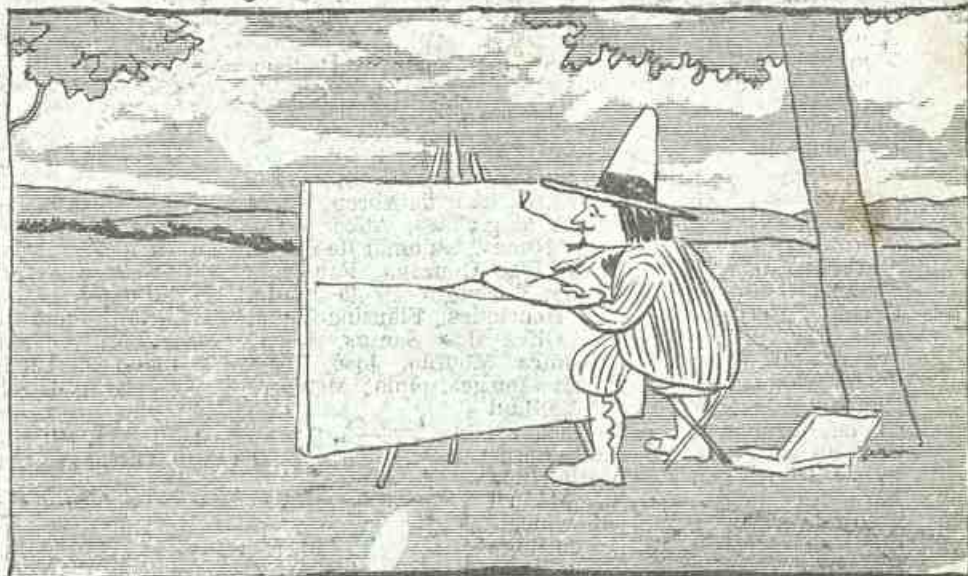
ENVIARAM-NOS SOLUÇÕES CERTAS PARA ESTE CONCURSO, OS SEGUINTE MENINOS:

Marcos Poskevich, Jacintho Mario Vieira, Waldyr Ozorio Higgins, Carlos Bohrer de Araujo, Affonsina de Miranda Alvares, Jayminho Pinto, Olga Mariz de Campos, José Leal, Maria Carolina Meira, Moacyr Cerqueira, Zilda de Oliveira, Noemia de Andrade Castro, Durval Ferreira Mano, José Lopes Vianna, Maria Alcorina dos Reis, Maria de Lourdes Conceição, Filiciano Augusto Lobo, Maria de Lourdes Espindola, Adezia Anna Areas, José Alexandre Gurgel Dantas, Eugenio Costa, Octavio do Couto e Silva, Sylvio Porcharie Bellegarde, Violeta Leal, Gilberto de Paula e Silva, Maria Dulce Porto, Paulo Joaquim da Silva Porto, Sergio Gomes, Ondina de Mello, Raul Moreira Lopes, Eugenio Lopes Rodrigues, Lucilia de P. e S., João França Pinto, Luiz A. Rodrigues, Augusto Rolim, José de Assis Ribeiro, Agenor Corrêa da Rocha, Zézé Diamantino Lopes, João de Araujo Filho, Carlos Gondolfo, Nair Monte, Luiz C. F. de Souza e Silva, Castor de Oliveira, Herninia de Oliveira Castro, Carlos Mello, Alzira M., Octavinho Lima, Eulalia de Carvalho, Luiz Adolpho Moreira, Euzebio Silva, Lydia Totta, Leonitta de Almeida Rocha, Waldemar Sanches de Brito, Manuel Mendes Franco, Marietta Jardim, Joaquim Saldanha Marinho, Ismael Oliveira, Oswaldo Guimarães, Elisa Alves, Reony Rodrigues, Nelson Lacerda Nogueira, Octacilio Mendes Campos, Eréyla Mando Soares, Maria da Gloria Azevedo, Ubaldina Dias, Edmundo Dias da Cruz, Adalberto Machado, Fernando Nazareth, Moacyr de Paula Lobo, Americo Dantas, Zeno Estillae Leal, Yvonne Nepomuceno, Olivia, Laudelino do Aguiar, Ilara Garcia, Carlos da Cunha Coutinho, Marat Descartes Freire, Raul José de Araujo Machado, Lobato Costa, Leonor Araujo, Adelia Araujo, Armando de Castro, Osminia dos Santos Fortes, Carmen Terra, Zeny de Freitas Oliveira, Tidinha Martins, El Revolucionario II, Anna Jurema de Castro Brazil, Marcos Miglievich, Manuela de Figueiredo, Carlos do Nascimento, Martha d'Ascenção, Maria Thereza Candida, Ruth Coutinho de Oliveira, Anayde Coutinho de Oliveira, Estella Rocha, Herminio de Brito Ferraz da Luz, Arlindo de Brito Ferraz da Luz, Gello de Azampuja Brandão, José Lopes, Heitor F. dos Anjos, Arminda Benjamin, Carlos Piza, Henrique Borges, Maria Amalia d'Avila, Luiz Augusto Boke Alencastro, Alida Hartley, Alberto de O. Ferreira, Alaulpho Albuquerque, Maria Lucia, Laura de Oliveira, Marina Sabino, Elisa Ferreira de Castro, Alexandrina Maria, Hermance de Carvalho, Alvaro Moderno, Edith de Carvalho Duarte, Angelma Martinelli, Alfredo Lourenço da Costa, Petite Ferreira, Lilas Botelho, Renato Andrada Coelho, Maria de Lourdes Malta, Maria Franco, Ernesto D'Angelo, Helena Reis, Cleto Ramiro, Maria Lydia, Arthur Cruz Ribeiro, Nicolina Krämer, Helena Ferreira, Carolina Martins da Silva Rodri-

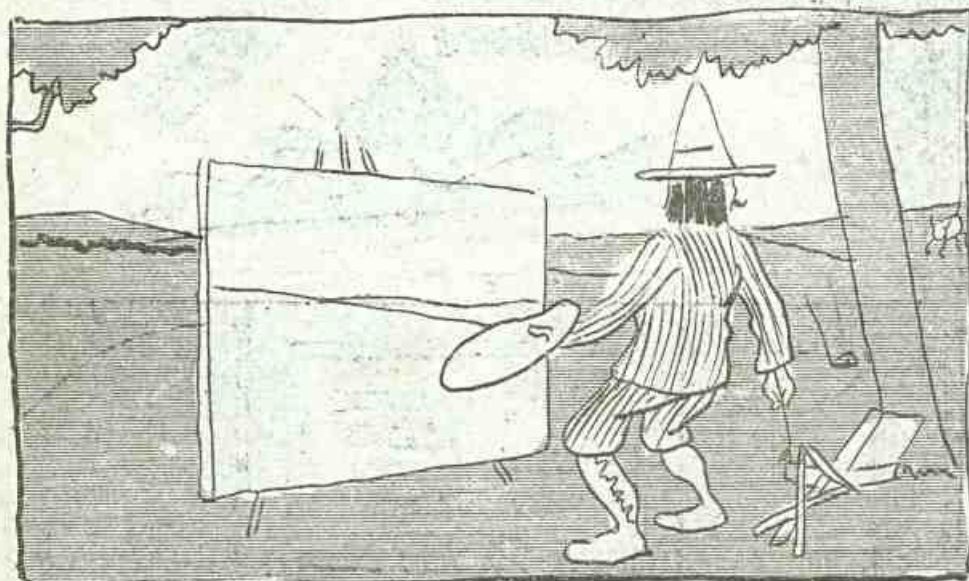
IDEIA ASTUTA.



1. — O pintor Barbicas foi uma vez a Santa Cruz fazer estudos de paisagens.



2. — Escolheu um lugar muito bonito e armando o seu cavallette começou a pintar muito resoluto.



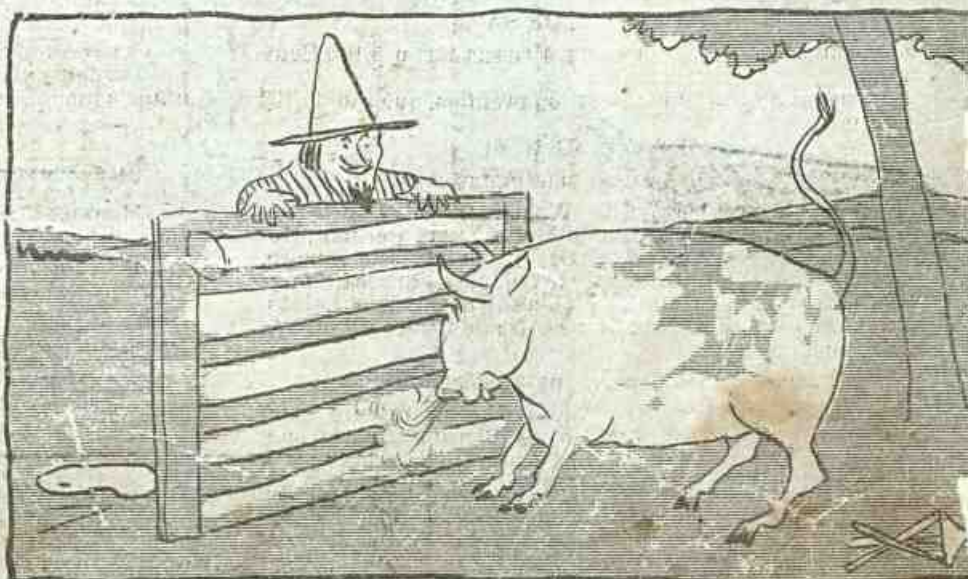
3. — Mas de repente, viu apparecer ao longe um boi furioso que se dirigia para aquelle lado com ares ameaçadores.



4. — Barbicas mais que depressa virou o cavallette e começou a pintar uma cerca, com cadeado de ferro.



5. — O boi já vinha perto mas o pintor fez tão depressa o seu trabalho que...



6. — ... que o boi quando chegou não teve coragem de fazer coisa alguma, pensando que estava mesmo deante de uma cerca.
Grande cousa é o talento dos pintores!

